

# **As Desgraças de Uma Criança**

Comédia em 1 ato

## **PERSONAGENS**

**ABEL**, velho.

**RITA**, sua filha.

**PACÍFICO**, soldado de cavalaria.

**MANUEL IGREJA**, sacristão da Capela [Imperial.]

**MADALENA**, ama.

Soldados.

A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1846.

## Martins Pena

*Luís Carlos Martins Pena nasceu, em 1815, no Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida. Estudante da Academia de Belas-Artes, dedicou-se à atividade literária, tendo publicado folhetins no Jornal do Commercio. Considerado por muitos críticos o "Molière brasileiro", foi, entre nós, o fundador do teatro de costumes, onde a sátira tem como personagem a sociedade brasileira de então, suas convenções ultrapassadas, hipocrisias e corrupções. Foi decisivo o seu passo na evolução do teatro brasileiro, assim como foi patente a contribuição histórico-sociológica, além da lingüística; e sobre aquela já afirmava Sílvio Romero em sua História da Literatura Brasileira que, se todos os documentos e fontes históricas nos faltassem, seria possível reconstituir a vida da sociedade brasileira tão-somente através das comédias de Martins Pena.*

*O Juiz de Paz da Roça, O Judas em Sábado de Aleluia, As Desgraças de Uma Criança e outras peças de sua autoria, até hoje, voltam ao cartaz nos palcos brasileiros; e maior divulgação foi dada ao trabalho de Martins Pena através da adaptação de O Noviço para a televisão. Sua obra foi criteriosamente editada em 1956 pelo Instituto Nacional do Livro. Martins Pena morreu no ano de 1848, em Lisboa.*

## Ato Único

Sala: portas laterais e no fundo. Junto da porta da direita um berço, e além uma marquesa. Mesa e cadeiras. É noite. Haverá sobre a mesa um moringue, um copo e uma lamparina de porcelana acesa.

### CENA I

Madalena, sentada junto ao berço, o embala.

Madalena, *cantando* — Menino bonito  
Não dorme na cama,  
Dorme no regaço  
Da Senhora Santana.  
  
A Senhora lavava,  
São José estendia,  
Chorava o menino  
Do frio [que] tinha.

Já dorme, graças a Deus! Triste vida é esta minha! Criar isto... Se ao menos fosse meu! Coitadinho, esse já lá está no céu, e a pobreza e necessidade aqui me têm presa. Que remédio? Criar filho alheio, para ao depois tomar-lhe amor e viver separado. Às vezes nem reconhecimento... Que vida! Quando todos dormem, estou eu acordada, mudando-lhe fraldinhas e cueiros... Agradável e aromática ocupação! Ai, que acordou! Dorme, dorme... que pertinho estou... (*Canta:*) *Senhora Santana...* (*Etc.*) Dorme, dorme... (*Embala:*) Ah, não quer dormir? Pois espera. (*Levanta-o pelo bracinho e dá-lhe palmadas.*) Agora dorme. (*A criança chora.*) Que goelinha de sapo! Anda, chora para aí. (*Canta:*) *Senhora Santana...* [*Etc.*] E então, não dormiu? Santo remédio para crianças são as palmadas! A estas horas já muitos têm dormido o primeiro sono e vestem-se para a missa do galo; só eu... Ah, quem me dera poder ir também! É perder a idéia daí, que lhe acho muitos impossíveis. Cá o velho — o velho! — (*ri-se*) e [a] senhora irão, e ainda dormem; e eu nem durmo e nem vou. Mas ficarei, e ficando, muito bem sei o que hei-de fazer... O meu Pacífico não se esquecerá de mim. O que querem? Divertem-se, divirto-me também! Cada um como pode. (*Batem à porta.*) Batem! (*Levanta-se.*) Quem será? (*Chegando-se para a porta do fundo:*) Quem é?

### CENA II

Aparece na porta do fundo Manuel Igreja, vestido de sacristão da Capela Imperial.

Manuel, *à porta* — Sou eu. Dá licença?  
Madalena — Ah, é o Sr. Manuel Igreja. (*Abre.*) Entre.  
Manuel — Boa noite, Sr.<sup>a</sup> Madalena.

Madalena — O senhor a estas horas por cá e assim vestido?

Manuel — Prometi ao Sr. Abel vir acordá-lo para que não perdesse a missa.

Madalena — Ele ainda dorme. O senhor anda muito obsequioso...

Manuel — Entre amigos...

Madalena — Só amigo? Eu cá o entendo... Não me logra; faço que não vejo, mas vejo muito.

Manuel — Ah, então o que tem visto?

Madalena — Quer saber?

Manuel — Quero, sim.

Madalena — Namorico, namoro e, quem sabe, casamento por fim? Que diz, acertei?

Manuel — Senhora Madalena, já que adivinhou o meu segredo, quer agora lucrar com esta descoberta?

Madalena — Lucrar? Sim!

Manuel — Entregue esta carta a D. Rita.

Madalena — Oh, devagar! Quem julga o senhor que eu sou?

Manuel — Quem julgo? Julgo ser a feliz ama daquela inocente criancinha. Oh, Sr.<sup>a</sup> Madalena, o que não daria eu para amamentar aquela criancinha e viver sempre junto de sua encantadora mãe!

Madalena — Oh, e que não daria eu também para ser sacristão, escurrupichar galhetas, ganhar vela de cera e viver no meio de luzes e incenso, como os anjos!

Manuel — Como os anjos! Oh, é verdade, eu vivia como um anjo, mas esse tempo já lá se vai... Acender vela[s], e apagar velas; ajudar missas e beber vinho das galhetas; encomendar defuntos e enterrar defunto[s]... Com que prazer não entoava eu junto com os padres a encomendação para sua alma! (*Cantando:*) Leva o defunto para terra, venha a pataca mais a vela... Os defuntos é que davam que comer, ai, ai! Eram minhas doces ocupações! Feliz tempo! Quantos defuntos não levei eu à cova com sorriso nos lábios! Mas agora!...

Madalena — Oh, está com cara de enterro!

Manuel — Pode ser, que há dois anos que sofro... Bem pudera estar morto e enterrado, mas a esperança, doce esperança... Sr.<sup>a</sup> Madalena, quero-lhe contar como entrou-me no peito este amor, que me traz engasgado. Há dois anos...

Madalena — Pois já há dois anos? É antigo!

Manuel — Há dois anos, sim. Era eu então sacristão da Candelária. Uma tarde, eu, meu companheiro e o vigário esperávamos por uns noivos para celebrarmos o seu casamento. Chegaram, enfim, em uma carruagem do major, puxada a quatro. Vinham guapos, e a noiva... Ah, Sr.<sup>a</sup> Madalena, que moça, que peixão, que demônio bonito! Assim que a vi o coração subiu-me até as goelas e fiquei como sufocado. Nunca tal tinha sentido! Subiram os noivos para o altar, principiou-se a cerimônia, e eu, com a tocha na mão, não podia despregar os olhos da dita. Perturbaram-se-me as idéias, assaltou-me o frenético desejo de dar uma tochada na cara do noivo, outra no vigário e fugir com a moça.

Madalena — Que amor tão repentino, que frenesi!

Manuel — Ah, Sr.<sup>a</sup> Madalena, nunca, junto do altar, fiquei mais levado do diabo!

Madalena — Foi uma tentação...

Manuel — Assim o creio. Porém fiz um esforço e contive-me. Continuou a cerimônia, sem que o vigário soubesse do que tinha escapado... Mas na ocasião em que o noivo disse: "Eu te recebo a vós por minha legítima mulher", oh! fiquei cego, alucinado! Inclinei a tocha que tinha na mão e derramei uma torrente de cera quente sobre a sua cabeça. Ele deu um grito horroroso e levantou-se. O vigário passou-me uma reprimenda, e ela, ela que a princípio se espantara, sorriu-se, vendo o noivo com ambas as mãos na cabeça, arrancando punhados de cera e cabelo...

Madalena — E ela sorriu-se?

Manuel — Sorriu-se, sim. Com um sorriso de anjo!

Madalena — Ou de mulher que vê o marido esfolado... Já dava esperanças.

Manuel — Não sei se ela dava esperanças, mas posso assegurar-lhe que eu me dava aos diabos.

Madalena — E como acabou-se o casamento?

Manuel — Como acabam todos: receberam as bênçãos, meteram-se na carruagem e foram-se. E eu fiquei com cara de tolo, de apaixonado...

Madalena — É o mesmo.

Manuel — E desde esse dia achei-me outro. Não dei mais uma só cabeçada, não fiz a menor molecagem na rua, como era meu costume e de alguns meus companheiros; fazia tudo às avessas: atirava com tocheiras e velas no chão, quebrava galhetas e banquetas... Se ajudava a missa e dizia o vigário: *Per omnia secula seculorum*, eu respondia: *Et cum spiritu tuo*, e se dizia: *Dominus vobiscum*, eu respondia: *Amen*. Enfim, o vigário, não podendo mais aturar-me, pôs-me no olho da rua, e eu, para não cortar uma carreira tão brilhante, fui ser sacristão do Carmo.

Madalena — Ia em progresso...

Manuel — Mas pensa a senhora que eu esquecia-me da tal noiva? Qual! Cada vez ia a pior. Quando dormia, só com duas coisas sonhava: com ela e com [o] vinho branco das galhetas.

Madalena — Ah, ah, ah!

Manuel — E nesses tormentos de saudades passaram-se quatorze meses. Uma tarde assistia eu a um enterro e rezava com os padres, como de costume, sem saber o quê. Por simples curiosidade, levanto-me na ponta dos pés e olho para o defunto que estava sobre a mesa... E vejo... Oh!

Madalena — O que viu?

Manuel — O noivo, o noivo, que estava morto, defunto! E fiz logo este simples raciocínio: se ele está morto, ela deve estar viúva...

Madalena — Muito bem raciocinado!

Manuel — Pulei de contente, e nesse movimento dei com o turíbulo nas canelas de um padre. Oh, Sr.<sup>a</sup> Madalena, com que prazer entoei eu o "*Requiescat in pace*"! Acompanhei seu corpo à sepultura e recomendei ao coveiro que fechasse quanto antes a catacumba, e dei-lhe meia pataca.

Madalena — Foi generoso...

Manuel — Daria mais, se tivesse, mas um sacristão não é um capitalista.

Madalena — Que dúvida!

Manuel — Que feliz morte!

Madalena — E que fez o Sr. Manuel Igreja, sabendo que ela estava viúva?

Manuel — O que fiz? Essa é boa! Namorei a viúva a bandeiras despregadas. Abandonei festas, enterros e missas para passar-lhe pela porta vinte, trinta vezes no dia. No primeiro mês chorou ela a morte do marido; no segundo, chegou à janela; no terceiro, reparou que eu passava muitas vezes; no quarto, sorriu-se para mim; no quinto, recebeu uma cartinha; no sexto, esqueceu-se completamente do defunto; no sétimo, veio à escada conversar comigo; e no oitavo...

Madalena — Basta! Não quero saber mais.

Manuel — No oitavo, prometeu que se casaria comigo, mas no entretanto fui despedido do Carmo pelo desmazelo com que diziam que eu servia.

Madalena — Mas lucrou.

Manuel — Lucrei, sim. Arranjei-me na Capela Imperial — melhor ordenado e mais bonito vestido. Isto faz vista e seduz! Não fico sedutor assim?

Madalena — Muito!

Manuel — E ainda recusará entregar esta carta?

Madalena — Não. Mas antes que eu o consinta, o que me dará o senhor?

Manuel — Dar-lhe-ei todos os bicos e velas que puder arranjar.

Madalena — Guarde seus bicos.

Abel, dentro — Madalena, com quem estás tu a falar?

Madalena — O velho acordou!

Manuel — Tome, tome a carta, tome. *(Mete-lhe a carta na mão.)* Por quem é!

Madalena, recebendo-a — Está bom, entregarei.

Abel, dentro — Com quem falas, Madalena?

Manuel — Sou eu, Sr. Abel, é o Manuel Igreja. *(Para Madalena.)* Sr.<sup>a</sup> Madalena, conte com minha generosidade.

Madalena — Estava arranjada... Generosidade de sacristão...

Manuel — Dei meia pataca para enterrar o marido; dar-lhe-ei, para me casar com a mulher...

Madalena — O quê?

Manuel — Esta sotaina para fazer um vestido.

Madalena — Guarde-a para cueiros de seus filhos!

### CENA III

Abel, vestido de casaca e chapéu, e os ditos.

Abel — Sr. Igreja...

Manuel — Um criado. Vinha, como lhe prometi, acordá-lo para missa do galo, mas já vejo que não era preciso. *(Madalena, vendo*

*entrar Abel, dirige-se para o berço e o embala.)*

Abel — Muito agradecido.

Manuel — E a Sr.<sup>a</sup> D. Rita não vai também à missa?

Abel — Vai sim; já se está a vestir.

Manuel — Quer que espere para irmos juntos?

Abel — Oh, não se encomode, iremos sós.

Manuel — Não é encômodo.

Abel — Nada, nada, não consinto. Pode-se ir embora... *(Empurrando-o com polfítica.)*

Manuel — Está bem. Então, até mais ver.

Abel — Um seu criado. *(Manuel sai.)*

### CENA IV

Abel, e Madalena junto do berço.

Abel — Ora, eu já ando meio desconfiado que este Sr. Manuel Igreja tem rabo de palha cá por casa. Há apenas dois meses que meteu aqui de garra e mata-me com obséquios. Nada, já desconfio da amizade... Ou é pela menina, e essa não é para seus beijos, ou é pela Madalena, e a essa ponho eu embargos de terceiros. *(Para Madalena, com ternura:)* Madalena?

Madalena, à parte, embalando o berço — Maldito velho! *(Cantando:)*

Menino bonito  
Não dorme na cama,  
Dorme no regaço  
Da Senhora Santana.

Abel, chegando-se para ela enquanto canta — Embalas esse menino com cantigas, assim como me embalas com esperanças. Não me ouves?

Madalena — Senhor?

Abel — Ah, fazes que me não ouves? Pois olha, não te iria mal se desses atenção...

Madalena — E o que lucraria eu?

Abel — Tudo. Minha filha alugou-te para criares o seu filho, porque sempre embirrou com amas negras, mas aqui te conservarás enquanto eu quiser.

Madalena — Irei alugar-me em outra casa.

Abel — Não acharás.

Madalena — Aposto que sim.

Abel — E se achares, perdes a tua fortuna.

Madalena — Por quê?

Abel — Porque meteu-se[-me] em cabeça fazer-te feliz logo que acabares a criação de meu netinho.

Madalena — Sapatos de defuntos...

Abel, com ternura — Madalena!

Madalena, fugindo para outro lado do berço — Senhor, deixe-me!

Abel, estendendo-se por cima do berço para segurá-la — Madalena!

Madalena — Olhe a senhora, que aí vem.

Abel — Deixá-la vir! (Estende os braços.)

## CENA V

Entra Rita vestida de preto.

Rita, entrando — Estou pronta.

Madalena, para Abel — Não lhe disse?

Abel — Oh, diabo! (Para desfarçar, principia a fazer festa à criança que está no berço.) Psiu, psiu, negrinho! Olha vovô, cachorrinho! Psiu, psiu, galantinho! Bi, bi, bi! Ni, ni, ni! (Madalena ri-se, à parte.)

Rita, encaminhando-se para o berço — Lula está acordado?

Abel, no mesmo — Olha vovô, mulequinho! Olha, bonito! Bi, bi, bi!

Rita, que está junto do berço — Lulu... Está dormindo.

Abel — Ah, és tu? Julguei que estavas lá dentro.

Rita — E meu pai a fazer-lhe festinhas.

Abel — Julguei que estava acordado.

Rita — Qual! Não vê como dorme? Parece um anjo! (Dá um beijo no filho. Abel, enquanto ela tem a cabeça baixa, faz acionados para Madalena, como quem está zangado. Madalena ri-se.) Madalena, tem muito cuidado nele, ouviste?

Madalena — Sim senhora.

Rita — Vamos, meu pai.

Abel — Vou buscar o chapéu. (Sai.)

Rita, para Madalena — Nós voltamos já. Se o menino acordar, muda-lhe a camisinha e cueiros, que estão muito molhados. Não te esqueças.

Madalena — Não senhora. O Sr. Manuel entregou-me...

Abel, entrando — Vamos, filha. E tu, fecha a porta.

Rita, dando um beijo no filho — Vamos. (Para Madalena:) Julgo que não é preciso recomendar-te cuidado.

Madalena — Pode ir descansada.

Rita — Pois bem. (Sai com Abel.)

## CENA VI

Madalena, só, e depois Pacífico.

Madalena — E eu não tive [tempo] de entregar-lhe a carta! Vão-se divertir... Ah, que se eu também pudesse aqui não ficaria. E o velho a desfarçar com o pequeno! Pobres crianças! Também,

ainda não vi inocentes que mais velhacadas encubram... Uma criança é a melhor capa de namorados que se conhece. Ao menos sirvam para alguma coisa! Que aborrecimento ficar só em casa, quando os mais se divertem... E o meu tratante que hoje todo o dia se não lembrou de mim? Ah, se ele aqui estivesse, deixava-o tomando conta desta lêsmazinha e ia ver a missa. (Dentro assobiam.) Ai, que é ele! Que fortuna! Deus o traz! (Chegando à janela:) Psiu, psiu, entra! Empurra a porta, que está cerrada. (Saindo da janela:) Oh, que felicidade! O velho e a senhora não voltarão nestas duas horas... Tenho tempo.

## CENA VII

Entra Pacífico de farda.

Pacífico, da porta — Posso entrar?

Madalena — Pode, estou só.

Pacífico, entrando — Um abraço.

Madalena — Não faça bulha, que pode acordá-lo.

Pacífico — Abraços não fazem bulha. Dá cá.

Madalena — Espera, temos contas que ajustar.

Pacífico — As contas ajustam-se no fim...

Madalena — Peior.

Pacífico — O caso não vai de zangar, nem creio que me mandasses dizer que o velho ia à missa do galo para brigares comigo.

Madalena — Não, era para te dizer que já não estou muito bem nesta casa, que quero sair dela.

Pacífico — E por quê?

Madalena — O Sr. Abel persegue-me. Meteu-se-lhe nos cascos que eu...

Pacífico, rindo-se — Ah, ah, ah! Ele, velho baboso...

Madalena — Velho baboso... Fia-te nele!

Pacífico — Não, mas fio-me em ti.

Madalena — E é o que te vale. Mas deixemos de graças; eu quero sair daqui.

Pacífico — Deixa-te disso, Madalena; é preciso ganhar a vida! Que diabo, vinte mil-réis por mês não é marimba! Bem sabes o que nos tem custado a viver. Há um ano que viemos de São Gonçalo...

Madalena — Antes de lá nunca tivesse saído. Vivia tão bem com minha mãe! Tu é que me perdeste.

Pacífico — Queixa-te da minha má fortuna. Se não fosse o diabo do recrutamento, que me deu com ossos na cidade, debaixo desta maldita farda, hoje podia estar casado contigo.

Madalena — E bem sabes que esse era o teu dever...

Pacífico — Mas assim não quis o serviço do Estado. Quem recruta não quer saber se o homem está para casar, ou se deve casar-se. Vai agarrando a torto e a direito. É uma tirania! Olha, eu cá sou de parecer que não se devia recrutar não só os homens casados, como os que podem ser casados.

Madalena — Assim não se recrutava ninguém, e não haveria soldados.

Pacífico — O Estado precisa mais [de] filhos do que de soldados, e demais, a lavoura é quem perde com isso.

Madalena — A lavoura! Tu trabalhavas muito pela lavoura...

Pacífico — Se não trabalhava, deixava a outros trabalhar; e de[mais,] era porque meu pai não me deixou nem um palmo de terra. Que culpa tenho eu nisso?

Madalena — Tem muita. Vivias como um vadio; todo o santo dia com a espingardinha no ombro a caçar. Eras mesmo um canela verde, como nos chamam cá na cidade. Mais dia menos dia não podia escapar da praça. Eu bem te avisei; não me quiseste ouvir...

Pacífico — Mas como? Era um canela verde, vadio?

Madalena — Até que filaram-te. Vieste cá para a cidade, juraste bandeira e eu fugi de São Gonçalo para te acompanhar.

Pacífico — Fizeste muito bem.

Madalena — Fi-la como a minha cara, para viver aturando uma mãe impertinente, um velho baboso e aquela pestinha que ali está deitada. Boa vida! Os mais a divertirem-se, e eu aqui presa.

Pacífico — Diverte-te também.

Madalena — Sim, hei-de deixar aquela lesma só... Ah, se eu pudesse ir à missa do galo!

Pacífico — Pois vamos; ele não morrerá por um instante que fique só.

Madalena — Não é possível. Ah, se tu quisesses ficar um instantinho tomando sentido nele...

Pacífico — Eu?

Madalena — Sim, enquanto eu volto.

Pacífico — Eu, tomando sentido em uma criança?

Madalena — E o que tem isso?

Pacífico — Feito ama-seca, de espada à cinta!

Madalena — Pacífico, meu amor!

Pacífico — Nada, é o que me faltava! Um soldado de cavalaria de linha, um defensor da pátria, feito ama de nenéns! Ah, ah, ah! E se ele chorar, quem lhe há-de dar mamar?

Madalena — Dá-lhe tu.

Pacífico — Hem?

Madalena — Escuta, não me interrompas. Dá-lhe tu esta água com açúcar que está neste copo. Assim... (Tomando um copo que está sobre a mesa:) Espreme-lhe este paninho na boca; estás vendo?

Pacífico — Mas então tu pensas que eu hei-de ficar...

Madalena — Penso sim.

Pacífico — E quem te disse?

Madalena — O amor que me tens.

Pacífico — Ah, queres-me pegar pelo fraco.

Madalena — Pacífico, meu rico Pacífico, tu não farás um sacrifiozinho por tua Madalena, que tanto te ama e que por ti tudo deixou? O que te custa isso? É um instante; só o tempo de eu chegar à igreja, espiar e voltar, sim? Meu soldado de amor, queres-me ver chorar, ingrato?

Pacífico — Prometes-me que só espiarás?

Madalena — Sim, só espio e volto.

Pacífico — Vê lá! Espiar e voltar. Não te demores; quando não, abandono a sentinela.

Madalena — Voltarei em um pulo.

Pacífico — Fazes de mim o que queres.

Madalena, tomando um xale que está pendurado na cabeceira da marquesa e pondo-o no ombro — Embala-o bem, se ele chorar, e canta alguma coisa; não custa nada. E adeus, que vou depressa para voltar cedo. Não te esqueças: água com açúcar.

Pacífico — Espera, olha... E... Foi-se! (Madalena sai.)

## CENA VIII

Pacífico, só.

Pacífico — E então? Deixou-me feito ama. E que tal? Vejamos a minha cria. (Chegando-se para o berço:) Dorme que é um regalo! Se dormisse assim sempre, muito bem íamos. Ora, ele é galantinho! Sempre gostei mais de ver as crianças que dormem; ficam tão sossegadinhas! Ai, que ele se mexe. Mau, mau! (Principia a embalar o berço devagar.) Dorme, dorme! Xi, xi, xi! O demonhinho acorda; bole com os braços. (Embalando o berço:) Xi, xi, xi! Oh, diabo, abriu os olhos! Embalemos mais forte a ver se dorme. (Embala o berço com força:) Xi, xi, xi! (A criança principia a chorar.) Ah, chora! Estou arranjado; agora é que são elas! (Embala com muita força. A criança continua a chorar.) Nada! Como guincha! Ah, Madalena! Diabo, dorme! Diabinho! E então? Cada vez a melhor. (Continua a embalar desesperado.) Não há remédio senão cantar; a ver se assim... Mas que diabo cantarei eu? Seja o que for. (Cantando e embalando:)

Senhorinha, vá-se embora,  
Meu bem,  
Vá pra casa direitinho.  
Não faça como fez ontem,  
Que me deixou no caminho.

Parece-me que não gosta de música... Olhem que goelas. Cala a boca! Qual! (Gritando muito:) Bico calado! Cada vez abre mais os foles! Ai, que não me lembrava da água com açúcar. (Corre para junto da mesa e toma o copo, mas ao dirigir-se para o berço, com a pressa que vai, tropeça e deixa cair o copo no chão.) Bravo! Bonito! Fi-la como os meus focinhos! Foi-se a água com o açúcar, e o diabinho a gritar! Espera, que ainda posso aproveitar alguma coisa. (Assim dizendo, molha o paninho na água que corre pelo chão.) Ainda serve. (Chega-se para o berço:) Toma! (Dá à criança.) Ah; ainda é pouco... (Torna a molhar o pano no chão.) Toma mais. Não se farta; chupa e chora. Arre, que pestinha! Vejam lá que cara! (Arremedando a criança no chorar.) Belo ofício! Vejamos se as palmadas fazem mais efeito; é santo remédio. (Dá palmadas na criança, que redobra

o choro.) Foi peor! Nem açúcar, nem palmadas... Que o leve o diabo! Que lhe darei? *(Como que procura alguma coisa pela sala.)* Muito custa criar! Eu, só na última necessidade... E não vejo nada! Naquele armário, talvez. *(Vai abrir o armário.)* Ah, garrafas! *(Tira uma garrafa e cheira.)* Vinho! Belo! *(Bota a garrafa na boca e bebe.)* Talvez também goste. *(Vai para o berço.)* Assim, abre bem a boca; tome lá. *(Dá vinho à criança, na garrafa.)* Oh, diabo, como ficou vermelho! É pequeno... Mas se morre? Melhor; ainda não ouvi defunto chorar. *(O pequeno chora.)* Qual morrer! Dei-lhe mais força para chorar. Leve-me o demo, se sei o que hei-de fazer. *(Tira uma espora do pé e dá à criança.)* Olha, bonito! Tetêia, tetêia! O diabo espetou-se com a roseta! Já não posso, vou-me embora. Arrebento! Pára aí! Mas Madalena... Ai, que isto agora faz-me lembrar de uma coisa: o pequeno está estranhando a farda, as calças e todo este aparelho. Se eu achasse um vestido... *(Vai para junto da cama de Madalena.)* Bravo, achei! *(Tomando um vestido, um xale e touca que está nos pés da cama, veste-se com eles.)* Assim pode ser que não estranhe. Tem-me feito suar! Que bonita ama! Bem me podia alugar; havia de ganhar mais do que me paga a nação. Agora o xale... Muito bem! Venha o toucado... *(Põe a toca, e assim vestido, chega-se para o berço e fala com a criança, afinando a voz:)* Nhonhôzinho, não chore; é Madalena. Ande cá. *(Toma a criança nos braços.)* Não chore, durma, durma. Quer passear? Vamos passear. *(Principia a passear, cantando e tendo a criança nos braços, muito sem jeito:)*

Menino diabo,  
Tu, tu, ru, tu, tu;  
Não chore, que eu chamo,  
Que chamo o tutu.

Menino bonito,  
Ao pé do murundu,  
Se não dorme já,  
Eu chamo o tutu.

Não dizia que a farda o espantava? Estava acostumado a viver com saias! Parece-me que vai adormecendo. E eu pensava que não tinha jeito para isto! O caso é que tudo está no principiar, depois vai mesmo por si. Já fechou os olhos. Ainda bem, que já estava disposto a tapar-lhe a boca com a rolha da garrafa. Ah, Madalena, não me metes noutra! Agora vou deitá-lo, mas cuidado... *(Vai devagar para o berço e aí deita a criança com cuidado.)* Ora, anda, lá que não foi mal ninada... Possas tu dormir aí até o dia do Juízo! Oh, mas a Madalena não me mete noutra! Safa, estou estafado! Enquanto ela não chega, deito-me um pouco. *(Vai para a cama e deita-se.)* Ah, o descanso Deus amou... O diabo é se eu durmo e entra o velho. Vou daqui a toque de clarim. Mas ela entrará antes. Que demônio de travesseiro tão duro! *(Vai a voltar o travesseiro e dá com a carta que Madalena aí escondera.)* Olé, uma carta! De quem será? *(Levantando-se.)* Querem ver que a bicha me logra... Ah! *(Encaminha-se para a lamparina e principia a ler a carta, soletrando:)* “Minha querida.”

*(Falando:)* Ah, sua querida! Boa vai ela... *(Lendo:)* “Hoje preciso muito falar contigo. Quando voltares da missa do galo, em vez de te ires deitar, deixa o velho dormir, e espera-me. Isto te pede teu querido Manuel Igreja.” *(Falando:)* Ah, tu amas ao Manuel Igreja? Igrejinha te hei-de armar eu! Ah, traidora! Ora, fiem-se em mulheres! Esta nem por ser da roça, quanto mais se fosse da cidade... Tomara eu que o tal Manuel Igreja por cá apareça, que lhe quero rezar a ladainha e repicar-lhe o sino no espinhaço. Ah, maroto! Parece-me que ouço passos. Talvez seja ele... Ou ele ou ela, quero ensiná-los! *(Pega na lamparina e a põe debaixo da mesa.)*

Manuel, dentro — Madalena?

Pacífico, à parte — É ele! Entra, entra que não sabes o que te espera... *(Vai a sentar-se junto do berço.)*

## CENA IX

Manuel Igreja e Pacífico

Manuel, aparecendo na porta do fundo — Madalena, eles já saíram? Posso entrar?

Pacífico, desfarçando a voz — Pode.

Manuel, entrando e encaminhando-se para Madalena — Muito obrigado te estou eu. Verás que não serei ingrato; o meu amor servirá de fiança do que te prometo. O velho não pode tardar, não é assim? Assim que ele entrar, eu esconder-me-ei debaixo da tua cama, e depois...

Pacífico, que tem ouvido Manuel com a cabeça baixa, levanta-se repentinamente — Ah!

Manuel, recuando — Que tens, Madalena? *(Pacífico arregaça o vestido.)* Levanta o vestido!... *(Pacífico puxa pela espada.)* Uma espada! *(Pacífico caminhando para Manuel.)* Manuel, recuando: Madalena... *(Pacífico segurando-lhe pelo braço.)* Manuel: Não é Madalena?

Pacífico — Não, é o diabo que te parta!

Manuel, aterrorizado — Ah!

Pacífico — Tratante, sacristão de uma figa! É, é sacristão, o patife... Ah, meu menino, pensavas que assim me havias surripiar...

Manuel — Mas, senhor, eu... Mas quem é o senhor?

Pacífico — Cinqüenta pranchadas para principiar. *(Dá-lhe uma pranchada.)*

Manuel, gritando — Ai, ai!

Pacífico — Psiu, grita baixo, não me acorde a criança! Grita devagar... *(Dá-lhe.)*

Manuel, gritando — Ai, ai!

Pacífico — O pior é berrar. Não me acorde a cria!

Manuel — Senhor, se é por ordem do Sr. Abel...

Pacífico — Qual Abel, nem Caim! Isto cá é por minha conta e de Madalena.

Manuel — Da Madalena!



Pacífico — Da Madalena sim, só sacrista das dúzias, a quem tu queres seduzir. Mas primeiro há-de levar-me o diabo, ou eu não jurei bandeira!

Manuel — Mães, senhor, aqui há engano!

Pacífico — Enganar-me queres tu, só escorripicha-galhetas!

Manuel — Eu não quero seduzir a senhora Madalena.

Pacífico — Não? E esta carta?

Manuel, *examinando a carta* — Esta carta não era para ela.

Pacífico — Então para quem era?

Manuel — Era para...

Pacífico — Fale-me depressa, sô papa-bicos.

Manuel — Era... (*À parte:*) Mas quem será este sujeito? Talvez amante de Madalena.

Pacífico — Ah, estudas o que hás-de dizer? Pois vai-te lembrando... (*Dá-lhe.*)

Manuel, *muito depressa* — Era para D. Rita, a filha do velho.

Pacífico, *largando-o* — Ah, era para D. Rita?

Manuel — Tinha pedido à senhora Madalena que lha entregasse.

Pacífico — Ah, a Madalena tem mais essa prenda? E a senhora dona Rita lhe corresponde?

Manuel, *com fatuidade* — Sim senhor.

Pacífico — Ora, bem se diz que as mulheres escolhem o pior.

Manuel — Nem todas. A Sr.<sup>a</sup> Madalena, por exemplo, pelo que me parece, tem bom gosto.

Pacífico — Achas?

Manuel — Oh, pois não!

Pacífico — Dá cá um abraço. (*Abraça-o.*) Muito bem; vieste pela Rita, e eu pela Madalena. Muito bem; temo-nos entendido, isto é, se o que disseste é verdade. Quando não, dou-me por desent[er]ido e leva tudo a degola. Elas não tardam...

## CENA X

Abel, *dentro* — Ó Madalena, alumia esta escada.

Pacífico — Aí vem o velho! Com os diabos!

Manuel — Se aqui nos encontra, estamos perdidos!

Pacífico — Toca a esconder!

Manuel — Eu vou para debaixo da cama.

Pacífico — E eu para cima. (*Fazem o que dizem. Manuel esconde-se debaixo da cama, e Pacífico, deitando-se, cobre-se com os lençóis, tapando a cara, e finge que dorme.*)

Abel, *dentro* — Madalena? (*Aparecendo à porta, seguido de Rita:*) Querem ver que saiu?

Rita, *entrando* — Está dormindo.

Abel — E deixou a porta aberta. Forte estouvada!

Rita — Madalena?

Abel — Não a acordes, que passa muitas noites em claro com teu filho.

Rita — Para isso ganha meu dinheiro. Deixe mandar ver se o menino está molhado. (*Chegando-se para a cama:*) Madalena! (*Sacudindo-a:*) Madalena? Que sono!

Manuel, *debaixo da cama, puxa-lhe pelo vestido* — Ritinha?

Rita, *espantando-se* — Ah!

Manuel — Sou eu... (*Esconde-se.*)

Abel — O que é?

Rita — Nada, não senhor. Que imprudente!

Abel — Por que gritaste?

Rita — Foi uma pontada que me deu aqui do lado.

Abel — É da umidade que apanhaste. As ruas estão incapazes, cheias de lama. Não só não nos deixaram ir à missa, como te fizeram doente. Vai-te despir e deitar, e afumenta-te...

Rita — Julgo que será melhor... Como o pequeno está quieto, deixemos a Madalena a dormir. Boa noite, meu pai. (*Toma-lhe a bênção.*)

Abel — Até amanhã.

Rita — E meu pai não se vai deitar?

Abel — Vou, sim.

Rita — Boa noite.

Abel — Boa noite, filha. (*Vai fechar a porta do fundo.*)

Rita, *à parte* — Eu voltarei... (*Entra no seu quarto, à direita.*)

## CENA XI

Abel, Manuel e Pacífico, escondidos.

Abel, *espiando* — Estou só com ela. A Rita vai-se deitar, porém o mais prudente é voltar quando ela estiver dormindo. Não quisera que minha filha, por coisa nenhuma deste mundo, suspei[tasse] de meu amor por esta feiticeira ama. (*Chegando-se para a cama de Madalena:*) Como dorme! Que tranquilidade! Como respira docemente! Parece que seu hálito embalsama este aposento! Ah, que se não fosse minha filha, casava-me contigo... (*Chamando-a devagar:*) Madalena? Madal[en]inha? (*Sacudindo:*) Meu anjinho... (*Pacífico faz que espreguiça-se e dá com a mão na cara de Abel.*) Ai, ladrãozinho, que me bateste! Mas pancadas de amor não matam, não...

Rita, *dentro* — Joana, ó Joana?

Abel — A Rita está chamando pela mucamba, para se despir. O mais prudente é eu voltar logo; porém primeiro hei-de dar-lhe um beijinho nesta fronte tão cândida e tão pura. (*Chega-se para Pacífico e dá-lhe um beijo na testa.*) Como é doce! Até já... (*Sai pela esquerda, atravessando a cena, esfregando as mãos de contente.*)

## CENA XII

Pacífico e Manuel.

Pacífico — O diabo do velho babou-me a testa!

Manuel, *espiando, debaixo da cama* — E que lhe parece o velho?

Pacífico — Fiem-se em velhos! Se eu fosse a Madalena, estava arrumado.

Manuel, *rindo-se* — Ah, ah, ah!

Pacífico — Você ri-se? O caso estava ficando sério. E ainda não sei o que será. Ele prometeu voltar. Que diabo de velhinho! Mas vê lá, se a tua vier, nem uma palavra sobre mim; quando não, mato-te.

Manuel — Cale-se, que aí vem gente! (*Esconde-se.*)

Pacífico, *deitando-se e cobrindo-se* — Se é o velho outra vez e bole comigo, enfio-lhe a espada pela barriga antes que ele se adiante muito.

### CENA XIII

Entra Rita com cautela.

Rita, *entrando* — É preciso falar-lhe! Assim se arrisca por mim! Como me ama! (*Chegando-se para junto da cama:*) Madalena dorme. (*Chamando com cautela:*) Sr. Manuel?

Manuel, *aparecendo* — Ritinha!

Rita — Saia para fora, mas devagar; veja, não acorde Madalena.

Manuel, *saindo de baixo da cama* — Ela não acordará.

Rita — Que imprudência, assim esconder-se! Se meu pai o tivesse visto... Vá-se embora.

Manuel — A tanto não me arrisquei para me ir assim.

Pacífico *diz, como à parte* — O que quererá o sacrista fazer?

Rita — E que pretende você?

Manuel — Pouca coisa: saber se te casar ou não comigo.

Rita — Já te disse muitas vezes o que punha obstá[culo] à nossa união. Casei-me contra a vontade de meu pai e fui desgraçada. Dois anos estive casada e dois anos vivi martirizada, porque meu marido era um demônio de gênio. Deus o levou para meu sossego.

Manuel — E foi muito bem levado.

Rita — Enquanto estive casada, meu pai abandonou-me, para castigar-me assim de minha desobediência; mas viúva, chamou-me ele para junto de si com meu filho. Esqueceu-se de minha ingratidão e acolheu-me com braços paternos, e eu, para reconhecer tanto amor, jurei não me casar de novo sem o seu consentimento.

Manuel — Isso não são coisas que se jurem, porque nesses negócios, quem jura, perjura.

Rita — Nem todos. Eu cumprirei meu juramento. Hei-de me casar, mas com a sua aprovação.

Manuel — Assim, já vejo que não arranjo nada. Teu pai não consentirá nunca que te cases comigo; não por mim, mas enfim, pelo meu ofício — um sacristão...

Rita — Pois deixa de ser sacristão.

Manuel — E o que hei-de eu ser?

Rita — Empregado público.

Manuel — Lembra muito bem, e não vejo a razão porque não hei-de alcançar um bom emprego. Cíha, eu conheço um sapateiro,

dois alfaiates, dois marceneiros, um tanoeiro, um sirgueiro [e] um ourives que deixaram, todos, os ofícios, e todos estão muito bem arranjados! E eu lhes dou razão, porque enfim é melhor trabalhar das dez horas até as duas, e londrear toda a tarde, e namorar, do que suar todo o dia no ofício.

Rita — E demais, fizeram muito bem. Quem tem padrinho...

Manuel — ... Não morre mouro. Assim é, e além disso, os ofícios cá na nossa terra já nada dão; a concorrência de estrangeiros é grande. Só os empregos públicos é que são para os filhos do país, e isso mesmo... Enfim, está dito, vou pedir um emprego, e com empenho se faz tudo entre nós.

Rita — E então não duvido que meu pai dê o seu consentimento. No entanto, se daqui até lá alguma circunstância nos favorecer...

Manuel — Nós aproveitaremos, e... (*A criança chora.*)

Rita — Lulu está chorando. Espere, enquanto eu chamo Madalena para lhe dar de mamar.

Manuel — Vai chamá-la.

Rita — Sim. Não ouve o menino que chora. Meu pai pode acordar. (*Caminhando para a cama:*) Madalena, Madalena? Vem dar de mamar ao menino. Como dorme!

Manuel — Aí vem o velho!

Rita — Meu pai?

Manuel — Sim.

Rita — Apaga a lamparina! (*Manuel apaga a lamparina. Escuro.*)

Pacífico, *à parte* — Já escapei de duas...

Rita, *à parte, para Manuel* — Saia, se puder... E silêncio! (*Rita encaminha-se para a direita e, parando, escuta. Manuel dirige-se para a porta do fundo, que acha fechada. O menino continua a chorar.*)

### CENA XIV

Abel e os ditos.

Abel, *aparecendo à porta da esquerda* — Madalena? Apagou-se a lamparina e o menino chora. A Rita pode acordar. (*Passa por entre Rita, que está à direita, e Manuel, que está à esquerda, e vai ao berço e toma a criança nos braços.*)

Rita, *à parte* — É meu pai! (*Sai pelo seu quarto e fecha a porta.*)

Manuel, *à parte, ao mesmo tempo* — É o velho!

Abel, *com o menino nos braços* — Não chores. (*Indo para Madalena.*) Madalena, acorda, dá de mamar ao pequeno. Levanta-te, ladrãozinho, vem dar de mamar.

Pacífico, *à parte* — Esta agora é melhor...

Abel — Levanta-te, toma o pequeno.

Pacífico, *sentando-se na cama e espreguiçando-se* — Hum!

Abel — Pega, acalenta-o, enquanto eu vou buscar luz.

Pacífico, *à parte* — Luz agora seria bonito! Melhor é dar-lhe de mamar no escuro... (*Toma o pequeno e levanta-se.*)

Abel, seguindo-o no escuro — Espera, olha que te podes esbarrar com o pequeno.

Pacífico, à parte — Não é graça; estou com medo do velho no escuro.

Abel, procurando Pacífico no escuro — Madalena, vidinha, escuta...

Manuel, à parte — Ah, é esse o caso!

Rita, à parte — Meu pai namora a ama do meu filho, ah!

Pacífico, à parte — Eu largo o pequeno no chão, e safo-me! (Vai abaixar-se para deitar a criança.)

Abel, nessa ocasião, encontra-se com ele — Ah, por que foges de mim, feiticeira? Em casa todos dormem; nós estamos no escuro e ninguém nos vê.

Pacífico, à parte — Sim, mas alguém nos ouve.

Abel — Olha, eu posso fazer muito por ti... posso fazer-te feliz, muito feliz; mas dá-me um abraço! (Quer dar-lhe um abraço.)

Pacífico, empurra-o — Devagar! (Encaminha-se para o lado aonde está Manuel.)

Abel — Ingrata!

Rita, à parte — Quem tal diria!

Abel, procurando — Hei-de encontrar-te!

Pacífico, que se encontra com Manuel — Quem é?

Manuel — Sou eu.

Pacífico — É o sacrista? Toma o pequeno. (Dá-lhe o pequeno.)

Manuel — Mas...

Pacífico — Caluda!

Abel, procurando — Madaleninha, minha vida! (Pacífico dirige-se para o fundo.)

Manuel, à parte, com o pequeno nos braços — No que dará isto?

Abel, encontrando-se com Manuel, o segura pela sotaina — Ah, pilhei-te! Cruel, por que me foges?

Manuel, à parte e forcejando para livrar-se de Abel — E então? Agora é comigo...

Abel — Não vês que estou mirrado por ti?

Manuel, à parte — Eu dou-lhe com o neto pelas ventas!

Abel — Só um beijo, já que não queres ouvir, e vou-me embora. (Quer dar-lhe um beijo. Manuel suspende o menino nos braços e lho apre[se]nta. Abel dá um beijo no pequeno, supondo ser em Madalena.) Como é gostoso! Outro, outro! (Vai dar outro beijo no pequeno, e querendo ao mesmo tempo abraçar ao que ele supunha Madalena, fica com o pequeno nas mãos.)

Manuel, à parte e caminhando para [a] esquerda — Beija à tua vontade.

Abel — O que é isto? Ah, marota, assim me enganas! E dei um beijo... O que me vale é ser de criança... Deixaste-me com o pequeno, mas espera, que mesmo no escuro te acharei. Ai, ai, que esta pestinha molhou-me todo! Faltava-me esta! (Manuel, Rita, Pacífico, ouvindo o velho assim falar, riem-se.) Ah, você ri-se? Veremos quem se há-de rir por fim. Mas é bem feito que tal me aconteça, porque bem diz o ditado: Quem dorme com criança, amanhece... Não pre-

ciso dizer como, porque cá o sinto. Madalena, toma tua cria, senão largo-o no chão, antes que faça pior.

Rita, à parte — Meu filho no chão! (Dirige-se a encontrar-se com Abel.)

Abel — Então? (Encontrando-se com Rita:) Ah, brejeirinha! (Rita toma o filho dos braços de Abel e aparta-se com ele.) Ah, assim mangas comigo? Vou buscar uma vela. (Aqui batem à porta com cautela.) Batem! (Escuta, e tomam a bater.) Não há dúvida!

Rita, à parte — Quem será?

Manuel, à parte — Mau...

Pacífico, à parte — É a Madalena! (Batem.)

Abel — Quem é?

Madalena, dentro, disfarçando a voz — Sou eu.

Abel — Respondem! Quem será? Vou buscar a luz. (Sai pelo seu quarto.)

## CENA XV

Rita, Manuel e Pacífico no escuro.

Pacífico — Onde diabo me hei-de eu esconder?

Manuel — Que farei?

Rita — Madalena? Madalena?

Pacífico, à parte — Temos a outro com Madalena...

Manuel — Ó Ritinha? Ritinha?

Rita, encontrando-se com Manuel — Silêncio, que meu pai aí vem. Toma o pequeno, entregue-o a Madalena. Que o deite no berço, e você, esconda-se neste quarto à direita e adeus. (Entrega-lhe o pequeno e sai pelo seu quarto.)

[Manuel] — Ó Ritinha, espera! Foi-se, e deixou-me com a lesma nos braços! Madalena? Qual Madalena! Camarada? Ó camarada?

Pacífico — Que é lá?

Manuel — Onde estás? (Encontrando-se com ele:) Ah, toma!

Pacífico — O quê? (Manuel deixa-lhe o pequeno nos braços e afasta-se para a esquerda.)

Manuel — Que lá se avenha.

Pacífico — Ah, tratante, pensas que eu sou ama de leite?

Manuel — Arranja-te como puderes, que aí vem o velho. (Entra no primeiro quarto à direita.)

Pacífico, com o pequeno nos braços — Eu largo a carga (deita o pequeno no chão) e safo-me. Mas para onde? Aquele quarto... (Dirige-se para o quarto aonde entrou Manuel.)

## CENA XVI

Entra Abel com uma vela.

Abel, vendo ainda Pacífico correr para o quarto — Madalena? Meu netinho no chão! A desavergonhada... (Tomando nos braços o pequeno, que está no chão.) Só para fugir-me... (Chegando-se para

a porta por onde saiu Pacífico, a qual está fecha[da] por dentro.)  
Deixa estar, Madalena, que me hás-de pagar! Amanhã boto-te pela porta afora. (Batem.) Já vou! Verás se assim se despreza o meu amor... E se assim se trata do meu neto. (Vai para a porta do fundo.)  
Quem bate?

Madalena, dentro — Sou eu.

Abel — Eu quem?

Madalena, dentro — Abra!

Abel — E esta? A voz parece-me de mulher... Serão ladrões? Qual, não se atreveriam a andar pela rua às horas da missa do galo. Vejamos quem é. (Abre a porta.)

## CENA XVII

Madalena e Abel.

Madalena, entrando e vendo Abel, fica surpreendida — Ah! (Abel, vendo entrar Madalena, de susto deixa cair o pequeno no chão e fica sem poder falar, ora olhando para Madalena, ora para a porta do quarto onde entrou Pacífico. Madalena, apanhando o pequeno no chão, que chora:) Meu filhinho! (Embala-o nos braços.) Estou perdida! Senhor, perdoai-me, se deixei o menino por alguns instantes. Não pude resistir; quis também ver a missa do galo. Juro que será a última vez este ano... Mas por que este espanto? Que quer isto dizer? Aponta para o quarto... Senhor!

Abel, gaguejando de medo — Madalena, tu não entraste por ali? (Apontando para o quarto.)

Madalena — Não senhor, entrei por ali. (Apontando para o fundo.)

Abel — Então foi minha filha. Que vergonha, que vergonha para um pai! Que vexame! Que dirá de mim a Ritinha? Quero-lhe pedir perdão. Dá cá este menino, que será o meu penhor. (Tira o pequeno dos braços de Madalena arrebatadamente.)

Madalena — Não mate o menino!

Abel dirige com o pequeno nos braços para junto da porta por onde saiu Pacífico, e aí chegando, ajoelha-se com a cara voltada para a porta — Filha, às vezes um pai deve humilhar-se diante de seus filhos, quando pratica uma ação que o rebaixa aos olhos daqueles a quem deve bons exemplos. Eis[-me] humilhado diante de ti. A natureza é fraca... Tomei-te por Madalena e disse-te coisas que me fazem agora corar de vergonha. Abre esta porta e vem abraçar teu pai em sinal de esquecimento. Aqui está teu filho, meu netinho, que me deveria fazer lembrar que estou velho para não praticar ações indecorosas. Perdoa-me, por amor dele! Abre, abre esta porta! (Enquanto Abel está de joelhos junto da porta e fala, Rita entra pela porta de seu quarto, e depois de falar com Madalena em segredo, dirige-se para junto do pai.)

Rita — Meu pai! (Abel volta a cabeça e, vendo Rita atrás de si, dá um grito, levanta-se e deixa cair o pequeno no chão. Rita, apanhando o pequeno:) Meu filho!

Abel — Rita! Rita por trás de mim, quando eu esperava por diante!

Rita, sem dar atenção ao pai e beijando o filho — Meu amor, meu anjinho! Coitadinho!

Abel, pegando no braço da filha com violência — Rita!

Rita — Não machuque o meu filho!

Abel — Tu não saíste por aqui? (Apontando para a porta.)

Rita — Não senhor, saí por ali.

Abel — Ah, todos saíram por todas as partes, menos por aqui, e no entanto eu vi... Já sei, é um ladrão, é um ladrão que se introduziu em minha casa vestido de mulher!

Rita — Um ladrão!

Madalena, ao mesmo tempo — Um ladrão!

Abel — Sim, um ladrão, que deu de mamar ao pequeno para me enganar! Mas hei-de vingar-me! (Caminha nas pontinhas dos pés para junto da porta e, aí chegando, dá com rapidez uma volta na chave.)

Rita, à parte, enquanto o pai dirige-se para a porta — Pobre Manuel!

Madalena, no mesmo — O que será do meu Pacífico?

Abel, dando volta na chave — Está preso! Ah, agora verás! Rita, Madalena, esperem aqui um instantinho, que eu já volto, e tenham olho na porta! Ele não é capaz de arrombá-la, nem o quarto tem saída. Vou chamar a primeira ronda que encontrar. Oh, não me há-de escapar!

Rita — Meu pai, ouça...

Madalena, à parte, para Rita — Deixá-lo ir.

Abel — Eu volto em um pulo. Olho na porta! (Sai correndo.)

## CENA XVIII

Rita e Madalena.

Madalena — Minha ama, perdoe-me!

Rita — Fizeste mal em deixá-lo entrar, mas agora é preciso salvá-lo.

Madalena — Oh, muito obrigado, minha boa senhora. Abramos a porta. Pobre Pacífico!

Rita, à parte — Pobre Manuel! (Vão ambas abrir a porta, e saem por ela Manuel e Pacífico já sem vestido.)

Rita [e] Madalena, espantando-se — Ah, são dois!

Pacífico — Madalena!

Manuel, ao mesmo tempo — Ritinha!

Rita — O que é isto, Madalena?

Madalena — Senhora, um é meu...

Pacífico — Sou eu. (Chegando-se para Madalena.)

Manuel, para Rita — E o outro é teu. (Chegando-se para Rita.)

Rita — Mas...

Manuel — Não temos tempo para explicações.

Pacífico — Demos graças a Deus, se o tivermos para nos por-  
mos ao fresco.

Madalena — Eles têm razão, senhora. Seu pai não tarda com  
soldados, e se os pilha, estamos todos perdidos.

Pacífico — A Madalena tem razão. Toca a debandada! *(Toma a  
barretina e espada, que estão debaixo [da cama] e dirige-se para a  
porta do fundo.)*

Manuel, para Rita, enquanto Pacífico tira a barretina de baixo  
da cama — Ritinha, pede a Deus que morram de hoje para amanhã  
quatro oficiais de secretaria, que eu me encaixarei em um dos luga-  
res... E adeus! *(Dirige-se para a porta do fundo; aí chega junto com  
Pacífico e, querendo empurrar a porta, a encontram fechada.)*

Ambos — Está fechada!

Rita — Fechada? Como há-de ser?

Manuel — Isso pergunto eu.

Pacífico — E eu também. O que devemos fazer?

Rita — Não sei, não sei, meu Deus! E meu pai não tarda!

Pacífico, puxando da espada — Não há remédio senão cutilar o  
velho.

Madalena — Pacífico!

Manuel — E eu, o que posso fazer é encomendá-lo e enterrá-  
lo...

Rita — Senhor!

Madalena — Escutem. Não se aflija, minha senhora. *(Para os  
dois:)* Entrem os senhores ambos por esta porta, *(aponta para o  
quarto de Rita)* passem o primeiro e o segundo quarto, tomem por  
um corredor que está à direita, no fim há uma janela que deita para  
rua; abram-na e saltem por ela.

Pacífico — És uma pérola!

Manuel, para Rita — Adeus, até sempre!

Pacífico — Anda, sacrista! *(Saem ambos correndo pela direita.)*

## CENA XIX

Rita e Madalena.

Rita — Madalena, e nós? Meu pai não tarda, e não achando  
ninguém no quarto...

Madalena — Tenho cá meu plano. Minha ama quer-se casar  
com o Sr. Manuel Igreja?

Rita — Bem sabes quanto eu o amo.

Madalena — Então está tudo arranjado.

Rita — Mas como?

Madalena — Seu pai mostrou-se há pouco muito envergonha-  
do, e de joelhos diante daquela porta lhe pedia perdão, só porque  
supunha que [a] encontraria lá dentro. Alguma fez ele por cá...

Rita — Tomou os dois por ti... E tudo eu ouvi.

Madalena — Tanto melhor. Agora é preciso envergonhá-lo  
mais.

Rita — E para quê?

Madalena — Um pai, quando pratica uma ação vergonhosa  
diante de seus filhos, põe-se debaixo de sua dependência e não tem  
remédio senão fazer-lhes a vontade. O ponto é saber-se tirar partido  
do segredo.

Rita — E o que faremos?

Madalena — Entrarmos neste quarto e esperar que ele venha  
com os soldados e que nos encontre lá.

Rita — Mas...

Madalena — Dê cá o menino, que ele não tarda. *(Toma o pe-  
queno nos braços de Rita e o vai deitar no berço.)*

Rita — Não sei se devemos fazer...

Madalena — Pois eu sei que devemos; quando não, passaremos  
por cúmplices de ladrões, porque lhes demos escapula, e ficaremos  
desacreditadas. Silêncio, ouço passos! É ele! Venha venha. *(As duas  
entram no quarto em que estiveram os amantes.)*

## CENA XX

Abre-se a porta do fundo e por ela entra Abel, seguido de Pacífico,  
Manuel e uma patrulha.

Abel, à porta — Entre, Sr. Manuel. E seu amigo também pode  
entrar. *(Encaminham-se para a frente.)* Muito estimei encontrá-los  
junto de minha casa.

Manuel — Vínhamos da missa, lá da banda de cima.

Pacífico, à parte, para Manuel — Por pouco que não nos pilha  
saltando a janela.

Abel — Desculpe-me, se os interrompi no seu caminho; mas  
necessitava dos senhores, e entre amigos...

Manuel — Pode dispor de nós.

Abel — Obrigado. *(Pegando na mão de Manuel:)* Meu amigo,  
tenho ladrões em casa!

Manuel [e] Pacífico — Ladrões em casa?

Abel — Sim, e naquele quarto, que eu mesmo os fechei.

Manuel [e] Pacífico — Naquele quarto? Então vamos a eles.  
*(Manuel arregança as mangas e Pacífico puxa da espada — tudo isto  
com muito espalhafato — e dirigem-se ambos para a porta do quar-  
to.)*

Abel, retendo-os — Esperem, amigos.

Manuel — Nada, deixe-me, que os levo a cabeçadas.

Pacífico — E eu a fio de espada.

Abel, retendo-os — Por quem são, não se exponham assim!  
Agradeço-lhes o zelo. Eu disse um ladrão. Quem sabe se não é uma  
quadrilha inteira? É preciso prudência e tática. Olhe, o senhor *(para  
Pacífico)* ficará aqui. *(Coloca-o junto do ponto.)* Meu amigo Manuel,  
aqui. *(Coloca-o junto de Pacífico.)* Os senhores oficiais, por aqui.  
*(Coloca-os em semicírculos, desde a porta do quarto até junto de  
Manuel.)* E eu ficarei entre meu amigo e o senhor, mas como não

tenho arma, o senhor (para uns dos soldados) fará o favor de emprestar-me a sua espingarda. Eu é que estou mais exposto. (Toma a espingarda do soldado e mete-se entre Manuel e Pacífico.) Agora façam o favor de calar baionetas. (Os soldados calam baioneta.) O camarada que está sem espingarda terá a bondade de abrir a porta e fazer-lhes a intimação para se entregarem. (O soldado dirige-se para a porta do quarto, e dando uma volta na chave e empurrando a porta, esta se abre.)

[Soldado] — Quem quer que esteja aí dentro, saia para fora e nada de resistência!

Abel — Sentido, amigos!

Soldado — Então, não respondem? Em nome da lei, rendei-vos; quando não...

Abel — Quando não, faremos fogo! (Metendo a espingarda à cara.)

## CENA XXI

Aparecem à porta do quarto Rita e Madalena.

Rita — O que é isto?

Madalena, ao mesmo tempo — Então, o que temos?

Abel — Ah! (Deixa cair a espingarda no chão, de surpreendido, e fica estático como D. Bartolo no Barbeiro de Sevilha, conservando os braços na posição em que sustentava a espingarda.)

Pacífico — São estes os ladrões? Ah, ah, ah! (Ri-se às gargalhadas.)

Manuel — Ah, ah, ah! (Rindo-se às gargalhadas, e o mesmo fazem todos os soldados.)

Rita, caminhando para ele — Meu pai, meu pai, o que tens?

Madalena — Oh, como ficou!

Rita — Meu pai, volte a si! Sou eu! Meu Deus! Madalena, aí está o que fizeste!

Madalena — Ah, senhor! (Querendo abaixar-lhe o braço.) Como está duro!

Rita — Meu Deus, meu Deus! Senhor Manuel!

Manuel, sacudindo-o — Ah, senhor Abel!

Pacífico, no mesmo — Então, o que é isto? Está galante! (Grupam-se todos ao redor de Abel e principiam uns a assoprarem-lhe a face, outros a sacudirem-no, etc.)

Manuel — Parece morto!

Rita — Meu pai?

Pacífico — Como diabo ficou ele estatalado!

Madalena — Mau vai isto!

Rita — Meu pai, fui [eu] que lhe dei escapula do quarto; sou a culpada! Não era ladrão, era o Sr. Manuel que lá estava e que veio por mim. Diga-lhe, diga-lhe isto, senhor Manuel.

Manuel — Sim senhor, Sr. Abel, era eu. Vim para ver sua filha e o senhor tomou-me pela Madalena. (Abel abaixa os braços e como que vai tornando a si.) Já se mexe...

Rita — Meu bom pai, perdoai-me, fui eu a culpada! Por causa dela.

Madalena — E eu também, por causa dele...

Manuel — E mais eu, por causa dele...

Pacífico — Creio que o remédio faz efeito... Então, também eu, por causa dela. E fui o primeiro. Tratei da criança, levei abraços... Não se lembra que me foi acordar naquela cama? Madalena!

Abel, que tem tomado a si — Oh, estou traído!

Rita, suplicante — Meu pai!

Abel, recuando, enfurecido — Deixai-me!

Rita — Perdoai-me!

Madalena, ao mesmo tempo — Perdoai-me!

Pacífico, ao mesmo tempo — Senhor!

Manuel, ao mesmo tempo — Senhor!

Abel — Deixai-me, deixai-me! (Vai recuando, enfurecido.)

Rita, Madalena, Manuel, Pacífico [e] Soldados — Senhor!

Abel — Deixai-me! (Todos o seguem suplicantes, e ele tão cego está de furor, que, sem dar atenção ao berço, dá com as costas sobre ele e o atira no chão com o pequeno e cai por cima.)

Todos — Ah!

Rita [e] Madalena, correndo para acudir ao pequeno — Meu filho! (Manuel e Pacífico acodem Abel; o soldado levanta o berço; Rita e Madalena tiram o pequeno de baixo do velho e com ele caminham para junto da mesa e aí Rita se assenta, tendo-o nos braços.)

Rita — Meu filho, meu filho! Está sem sentido, morto!

Madalena — Meu Deus!

Rita — Água fria, água fria, Madalena! (Madalena toma o moinho que está sobre a mesa e o derrama sobre a cabeça do pequeno. Enquanto as duas estão ocupadas em fazerem o pequeno tomar a si, Manuel e Pacífico levantam Abel e sustendo-o pelos braços, conduzem-no para frente da cena.)

Manuel — Então, Sr. Abel, parece-se criança. Que é isto? Por tão pouco!

Pacífico — O caso não é de matar crianças. Toma a coisa tão em grosso!

Rita — Está morto!

Todos — Morto? (Encaminham-se para junto de Rita.)

Abel — Meu neto morto! E fui eu, desgraçado!

Madalena — Está vivo, está vivo!

Todos — Vivo! (Abel arrebatada a criança dos braços de Rita e a cobre de beijos. Todos, para Abel:) Não o mate!

Abel — Pobre inocente, que tanto tens sofrido esta noite pelos nossos desvarios! Que culpa tens tu, pobre anjinho, que sejamos todos loucos? Filha, o teu proceder foi criminoso, e só casando-te com este homem darás uma satisfação ao público.

Manuel — Ritinha! (Vai para junto dela.)

Abel, para Madalena — E tu, mulher vil, já desta porta para fora!

Rita — E quem há-de criar meu filho?

Abel — Eu! (Pacífico e Madalena riem-se às gargalhadas. Abel,

indo para Pacífico:) Insolente! (Pacífico bota a mão à espada e quer desembainhá-la; Madalena retém-lhe o braço. Abel, vendo Pacífico lançar mão da espada, levanta a criança nos braços e ameaça-o com ela, o que vendo Rita corre para ele.)

Rita — Meu pai!

Pacífico — Há mais tempo que com esta cara e com estes anos devias-te empregar em desmamar crianças, e não em namorar.

Abel — Tem o senhor muita razão.

Pacífico, para Madalena — Vamos, que terás muito onde te alugares. (Pacífico toma Madalena pelo braço e vai saindo.)

Abel, principia a passear de um para outro lado, embalando a criança nos braços e cantando — Menino bonito... (Etc. Rita olha para ele, sorrindo-se. Pacífico e Madalena param na porta do fundo e riem-se, e nisso abaixa o pano.)